
A desinformação em tempos de guerra e a fake news na era digital: uma análise comparativa da obra de Leão Serva¹

Karine Rodrigues de CARVALHO²
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

O artigo explora os conceitos de desinformação na obra de Leão Serva, jornalista que cobriu a guerra da Iugoslávia para o Estadão. Através de sua experiência, o autor demonstra no livro como a desinformação se estruturava nas matérias jornalísticas. O livro é comparado com as estratégias desinformantes contemporâneas, como as fake news, que são resultados de processos sofisticados. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica baseada em autores referências no assunto como: Perseu Abramo, Ignácio Ramonet, Eugênio Bucci, Claire Wardle para oferecer uma análise aprofundada do tema.

PALAVRAS-CHAVE: Desinformação; Jornalismo; Fake News; Leão Serva; Tecnologias da Informação.

¹ Trabalho apresentado no GP COMUNICAÇÃO, MÍDIAS E LIBERDADE DE EXPRESSÃO, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
² Mestranda em Comunicação, Mídia e Cidadania pela Faculdade Informação e Comunicação da UFG (FIC/UFG), Bolsista CAPES, email: karine.carvalho@discente.ufg.br

1 O início da jornada

Nos anos de 1992 e 1993, o jornalista Leão Serva, trabalhou como correspondente de guerra, para o jornal O Estado de São Paulo (Estadão), no conflito ocorrido na antiga Iugoslávia, o qual envolveu as seis repúblicas que constituíam aquele país. Durante a década de 1990, o jornalista exerceu várias funções dentro do periódico que na época era um dos maiores do Brasil. Foi repórter, correspondente internacional, secretário de redação e editor do Estadão. Serva descreveu que sentia a dificuldade do leitor em compreender as matérias publicadas na imprensa daquela época, fosse no impresso em que ele trabalhava ou em outros periódicos semelhantes, independente do assunto tratado. Tal problema se tornou tema de uma dissertação de mestrado que o jornalista defendeu na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 1998. E no ano de 2001, o conteúdo daquele trabalho acadêmico foi transformado no livro “Jornalismo e Desinformação”. Com mais espaço, maior liberdade de “criação” e sem a obrigatoriedade de se enquadrar no rigor científico, ele destrinchou os conceitos de desinformação funcional, de manipulação pela informação, de reducionismo jornalístico, da submissão da notícia e de neutralização da informação, características que segundo o jornalista e mestre em comunicação dizia estar presentes nas publicações e provocavam justamente este parco entendimento da notícia por parte do leitor. A proposta deste artigo é trazer à luz estes conceitos e comparar com os conceitos de desinformação mais utilizados para caracterizar a produção jornalística brasileira a partir de 2016, até o momento. Porém, não seria possível abarcar dentro de um artigo todas as produções em que seja expoente de um “novo” conceito de desinformação, a tentativa é mostrar como se deu a mudança, quais são os possíveis métodos de identificação da desinformação e porque o problema continua existindo, mesmo com o avanço tecnológico da comunicação, que passou de analógica para digital.

A guerra é um período extremamente difícil para quem está no meio do conflito. No momento em que cobriu a guerra na antiga Iugoslávia, seja na área de conflito ou à distância, a grande preocupação de Leão Serva se concentrou no ato do fazer jornalístico e como esse produto chegava ao leitor/consumidor de notícias naquele momento. Após anos de observação participativa, como repórter ou editor, pode sentir que mesmo estando no centro da produção, havia dificuldade de entender contextualmente um ou mais assuntos explorados nas matérias publicadas. No caso da guerra, a situação se tornava pior, haja vista que se tratava de um conflito em um país muito distante, no leste europeu,

as negociações que envolviam todo o aparato do combate não eram de conhecimento dos brasileiros, e pelo fato de que política internacional, até os dias atuais, não é um assunto de fácil compreensão e nem muito popular. O que se torna simbólico em um conflito daquela magnitude é o horror e o sofrimento de quem está inserido naquele contexto (Serva, 2001).

Em uma constante busca por melhoria na qualidade da produção, tanto sua quanto a de colegas os quais ele pode intervir, o jornalista procurou formas de tratar fatos multifacetados e os converter em textos mais simples e de fácil compreensão para o leitor. No entanto, esta busca pela simplificação o obrigava a imprimir características, que já implicavam em efeitos menos informantes, (Abramo, 2016) como a omissão de fatos, redução de significados e manipulação de informações. Na maioria dos casos aquela prática provocava um efeito uniformizante e pasteurizado da notícia, de modo que o mesmo tema, explorado da mesma forma parecia estar em todos os grandes jornais impressos. Este tom mais objetivo era utilizado, para não incorrer em dados divergentes e não desfocar o fato (Serva, 2001). E no caso da cobertura da guerra, dada a dificuldade de se obter informações seguras e “isentas”, o uso de material de agências de notícias internacionais era uma constante, pois ficava mais barato ser assinante do serviço que manter um correspondente no local do combate. Ainda que no período, a mídia tradicional atravessava uma fase bastante lucrativa no Brasil e em quase todo o mundo (Guareschi, 2005).

2 A era da imprensa tradicional

Até meados da década de 2000, a imprensa brasileira experimentou um período bastante fecundo, com os jornais impressos, revistas, rádio e a televisão que tiveram o seu auge de audiência e por consequência lucratividade. A internet naquele momento, ainda não era uma concorrente a altura (Mattos, 2005).

A última década do século XX foi positiva para a mídia impressa nacional, pois os jornais e revistas se modernizaram, tanto no aspecto tecnológico como no editorial. O contexto econômico-financeiro positivo e a estabilidade cambial apontavam para novos investimentos, estimulando as empresas para a formação de conglomerados de mídia (Mattos, 2005, p. 143).

A imprensa do período em questão, tinha características muito próprias e concentrava a comunicação do País nas mãos de poucas famílias. Feita por poucos para muitos, é caracterizada por autores e pesquisadores das Ciências Sociais Aplicadas como sendo

hegemônica. Mídia essa que tem sua própria prática social, maneiras de pensar e de difundir ideias (Coutinho *et al.*, 2008).

A hegemonia atravessa as formas de organização do processo de trabalho em seu conjunto, assim como se espraia pela própria vida social. [...] exige também não esquecer que a hegemonia se reveste de maneiras mais ou menos discretas de exercício da coerção, através de violência aberta ou simbólica (Coutinho *et al.*, 2008, p.145).

O problema de priorizar o lucro em detrimento da função social, tem sido uma constante das empresas jornalísticas no decorrer dos séculos e atravessa a cobertura noticiosa, independente do assunto tratado. Para ser mais atrativo junto aos leitores e audiência, o trabalho dos veículos de comunicação seja impresso, radiofônico, televisivo e na internet se transformou cada vez mais em departamentos da indústria do entretenimento. Não há mais interesse no comprometimento do fazer jornalístico comprometido com o interesse público (Bucci, 2009). Mesmo em época de guerra, há conflitos de interesses na divulgação dos fatos. A fim de alimentar um público sedento por novidades e uma indústria que mais desinforma do que informa, o jornalista se vê obrigado a entrar em um espiral de processos desinformantes, a fim de gerar novidades, discontinuidades e até o desconhecimento para gerar desfechos surpreendentes (Serva, 2001).

Dantas (2008), discorre sobre processos hegemônicos com sendo um “complexo exercício de uma determinada classe sobre o conjunto de uma formação social ao longo de toda uma época histórica”. Tal constatação diz muito sobre a produção de notícias e informações no Brasil até o ano de 2010, período em que poucas famílias concentravam o monopólio das comunicações. Isso significou que, a produção de sentido, a captação e apreensão do que era visto, ouvido e lido pela maior parte dos brasileiros era determinado por poucos, que detinham a riqueza, o domínio sobre a produção de bens materiais e imateriais e, primordialmente dominavam o que as pessoas no Brasil deveriam saber ou conhecer. Ramonet (2013) é mais agressivo e diz que os meios de comunicação servem a interesses privados, mudam a linha editorial dos veículos de acordo com o acreditam ser mais atraente e sedutor, e se veem atropelados pela velocidade em que as notícias chegam aos interessados, sem precisar mais de um meio material como um jornal

impresso para se informar. Destemido e diante de sua longa trajetória como jornalista e intelectual (Abramo, 2016) vai mais longe ao criticar a mídia hegemônica.

Recriando a realidade à sua maneira e de acordo com seus interesses político-partidários, os órgãos de comunicação aprisionam seus leitores nesse círculo de ferro da realidade irreal, e sobre ele exercem todo o seu poder. O Jornal Nacional faz plim-plim e milhões de brasileiros salivam no ato. A Folha, o Estado de São Paulo, o Jornal do Brasil, a Veja, dizem alguma coisa e centenas de milhares de brasileiros abanam o rabo em sinal de assentimento e obediência (Abramo, 2016, p.65).

Neste contexto de mídia dominante é que estava inserido o jornal Estado de São Paulo, principal fonte de análise de Leão Serva. Trata-se de um veículo impresso fundado em 1875, teve como diretor e proprietário Júlio Mesquita, foi um dos primeiros jornais publicados no Brasil e em atividade até os dias atuais. De acordo com a Associação Nacional de Jornais (ANJ), o Estadão faz parte do seletto grupo dos principais jornais de referência como O Globo, Folha de São Paulo, Correio Braziliense, Zero Hora e Estado de Minas. Também ainda é um dos maiores em circulação do Brasil, seja impressa ou digital.

3 A desinformação em 2001

Tomando por base o livro *Jornalismo e Desinformação*, a desinformação no ambiente jornalístico dos jornais impressos da década de 1990 é caracterizada pelos seguintes termos: Omissão, sonegação, submissão, deformação saturação, neutralização e redução. Tais ações de manipulação se configuram como mecanismos normais e comuns dentro da edição jornalística (Serva, 2001), mas que contribuem para alterar o maior propósito do fazer jornalístico que é informar e se aproximar o máximo possível da verdade factual (Arendt, 2016).

Dentre os problemas identificados no livro, o mais importante para nós é o fato do autor tratar os mecanismos de manipulação da notícia mais utilizados na época, como sendo uma criação sua, sem identificar autores e teóricos que se debruçaram sobre o tema. Porém, as caracterizações feitas por Leão Serva, já tinham sido detalhadas e contextualizadas por Perseu Abramo em 1988, uma década antes da dissertação defendida por Serva. Abramo escreveu um artigo que seria convertido para um livro, anos depois, em que ele trata da manipulação da informação por parte da grande imprensa no Brasil. “O principal

efeito dessa manipulação é que os órgãos de imprensa não refletem a realidade” (Abramo, 2016, p.37).

Mas para que possamos comparar o conceito de desinformação trazido no livro analisado é necessário explicitar o caminho que Leão Serva utilizou para chegar a esse fim e vamos expor as principais definições contidas na obra. Para facilitar o entendimento fizemos a seguinte tabela destacando as definições apresentadas pelo autor.

Conceito	Definição
Omissão	Ausência de informação de qualquer natureza, causada por falta de condições de órgão de imprensa de obtê-la.
Sonegação	Entende-se aquela informação que, sendo de conhecimento do órgão de imprensa, não foi colocada na edição por alguma razão.
Submissão	Entende-se o fato que, embora noticiado, tem uma edição que não permite ao receptor compreender e deter sua real importância ou mesmo seu significado.
Deformação	Um caso extremo de submissão que provoca a compreensão errada da informação.
Saturação	A gigantesca quantidade de informações, sem hierarquia e sem distinção que dificultam a compreensão e a memorização.
Neutralização	Perda de informações e notícias devido a saturação dos consumidores e dos meios.
Redução	Diminuição das notícias a fim de proporcionar um certo nível de compreensão pelo autor ou por aquele que ele supõe ser seu leitor. Ainda é considerado redução o deslocamento indevido da notícia e a parcialidade.

Fonte: Leão Serva (2001)

O que dá volume para as explicações de cada conceito presente no livro Serva (2001), se utiliza de vasta quantidade de exemplos, retirados em sua maioria de textos jornalísticos, experiências pessoais, de textos filosóficos e em poucos trechos é referenciado em obras clássicas da comunicação. O que se pode resumir da obra de Leão Serva é que a desinformação que ele apresenta ocorre na forma como a notícia é tratada até chegar ao seu leitor, que neste caso estamos considerando um leitor de jornal impresso. Grande parte dessas distorções que causam a desinformação, Serva (2001) credita ao trabalho da edição. Cabe ao editor selecionar, reduzir ou ampliar, deslocar e recolocar, omitir ou não uma informação conforme os critérios editoriais da publicação, espaço, novidade, surpresa e conforme a demanda. Como resultado dessa manipulação ocorre a desinformação funcional, esta seria um acúmulo de dados que não se

transformam em uma informação relevante ou não levam o leitor a total compreensão do que lê.

Por tudo isso, o jornalismo, tal como está disposto nos meios de comunicação atuais, pratica ao mesmo tempo técnicas de informação e de desinformação. Satisfaz a demanda por informação, mas mantém elevada essa demanda. Satisfaz ao mesmo tempo que nega. Informa, mas necessariamente desinforma também [...] E por decorrência, o noticiário essencialmente nega ao leitor ferramentas importantes para uma eventual compreensão deles (Serva, 2001, p.145).

Reduzir os conceitos de desinformação trazidos no citado livro em poucos parágrafos pareceu falta de embasamento teórico, para discorrer sobre os dois temas trazidos no título da obra e não se ater prioritariamente exemplos e experiência pessoal com base na cobertura da guerra da Iugoslávia. A manipulação da informação era tida como um problema grave por Perseu Abramo (2016), uma vez que provocava a distorção das informações produzidas pelo jornalismo enquanto mídias tradicionais, ou seja veículos impressos, rádio e televisão. “O principal efeito dessa manipulação é que os órgãos de imprensa não refletem a realidade”, (Abramo, 2016, p.37). Desse modo, a sociedade é colocada diante de informações que não correspondem à realidade, que configura padrões artificiais, contraproducentes e contradizentes. Enquanto Serva (2001) enquadra a desinformação dentro de conceitos, Abramo (2016) coloca a desinformação como resultado da obediência a determinados padrões, modelos ou enquadramentos pré-estabelecidos onde a realidade pode ser aproximada ou distanciada do que se propõe a noticiar. Ele enumera quatro como sendo principais: padrão de ocultação, padrão de fragmentação, padrão de inversão e padrão de indução.

A explicação para o padrão de ocultação se dá pela forma com que se retira da informação noticiosa fatos reais, a produção é alimentada por fatos fantasiosos, artificiais ou ficcionais. O padrão de fragmentação é visualizado quando o fato real é estilizado e descontextualizado formando partes desconexas e remontadas através de uma edição que se destina a um determinado fim. As características do padrão da inversão é o remonte de fragmentos de forma invertida, deslocada da realidade, sobreposta tornando resultado bem diferente do que seria o correto. Por fim, o padrão da indução o autor coloca como sendo o principal e mais utilizado pela imprensa da época.

A indução se manifesta pelo reordenamento ou contextualização dos fragmentos da realidade, pelo subtexto – aquilo que é dito sem ser falado – da diagramação e da programação, das manchetes, notícias e comentários, sons e imagens, pela presença/ausência de temas, segmentos do real, de grupos da sociedade e de personagens (Abramo, 2016, p.50).

A conclusão que o próprio Abramo (2016) chega ao tratar da manipulação da informação por parte da imprensa brasileira é que ela é frequentemente deliberada, tem motivos, sentido e finalidade. Ainda assim, a desinformação caracterizada por Abramo (2016) é mais na forma, na textura da notícia e não na indução do erro como é em muitos casos, o que se tem hoje no Brasil e no mundo.

4 A desinformação a partir de 2016

O conceito de “desinformação”, que tem como marco o ano de 2016, não foi resultado de uma ruptura aos conceitos anteriormente criados. Ao contrário disso, a desinformação que conhecemos hoje é uma construção antiga, que foi modificada de acordo com os interesses e tecnologias, da indústria da informação e comunicação. As tecnologias da informação bem como a internet tiveram um fator preponderante nisso (Ferrari, 2008).

A demarcação de 2016 foi emblemática por se tratar de um ano em que proliferaram no mundo, campanhas de desinformação massivas e sistemáticas que contribuíram com a saída da Inglaterra da União Europeia, o famoso Brexit. Outro marco foi a eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos. No centro desta discussão, as novas tecnologias de comunicação foram essenciais para disseminar as fake news e consequentemente provocar a desinformação da população desses países (D’Ancona, 2018). No Brasil, os registros feitos por agências de checagem como a LUPA foram de que, as fake news e a desinformação atingiram um patamar nunca antes ocorrido, durante o processo eleitoral de 2018 e a pandemia de Covid-19 (Barbosa *et al.*, 2019).

No ano de 2018, o dicionário digital Dictionary.com escolheu o vocábulo “Misinformation” como a palavra do ano. Segundo a edição do dia 26 de novembro de 2018, do jornal The Guardian, o sentido da palavra misinformation, traz a intenção

explícita de desinformar. Embora a palavra não seja nova, a notoriedade ocorreu devido ao volume de conteúdos desinformantes que foram pulverizados nas redes sociais nos últimos anos (Bucci, 2019). A reflexão que os teóricos da comunicação e da informação se concentram na atualidade é que, a desinformação nasce principalmente das fake news e ainda não há um conceito fechado.

[...] há um consenso: relatos fraudulentos e notícias enganosas se tornaram um fator de desagregação das sociedades democráticas deste início de século XXI. É óbvio que a mentira faz parte do repertório dos jornais desde que eles foram inventados. É óbvio, também, que os políticos, mesmo os melhores, não costumam primar pela postura transparente e sincera. Sendo assim, é preciso especificar de modo menos vago qual verdade (ou inverdade) a imprensa e a política procuram mobilizar (Bucci, 2019, p.14,15).

Diante da dimensão inumerável de maneiras para se divulgar um conteúdo, a chance de se descobrir a origem é quase tão difícil quanto ganhar na Mega Sena com apenas um jogo, uma em 50 milhões. Especialistas se debruçam em maneiras, softwares e guias de enfrentamento a esse problema de escala global que afeta democracias no mundo. Figueira (2019) explica que as fake news são uma velha maneira de atingir alvos também não tão recentes como destruir reputações, fomentar o ódio, provocar rupturas, causar confusão e disseminar o erro. O que mudou com o passar do tempo e a digitalização da comunicação foram os meios com que se propagam as fakes news. “O uso massivo de computadores (robôs) que replicam a mesma notícia falsa e pressionam pessoas com centenas de milhares de posts buscando massacrar opiniões adversas” (Figueira, 2019, p.9).

De acordo com o Guia Essencial da First Draft para entender a desordem social (2020), obra produzida como resultado de uma pesquisa liderada pela jornalista Claire Wardle, o problema maior não está nas fakes news, mas em quem as vê como notícias que não são. Se considerarmos o problema da propagação e como ele é usado para desacreditar o jornalismo profissional. O objetivo dos estudiosos, além de entender a gênese da criação de fakes news e dos objetivos de quem a dissolve no mundo, é como conter os problemas gerados pela desinformação causada pelas fakes.

É ponto em comum que a grande maioria das publicações recentes que tratam do fenômeno da desinformação peguem por base as ocorrências a partir de 2016, porém

(Mendonça e Vianna, 2019) trazem no corpo de uma produção científica, que um dos maiores desinformadores de todos os tempos, já esteve por anos na lista dos livros mais vendidos da Revista Veja, o estrategista de guerra Sun Tzu, que escreveu o livro “A arte da Guerra”. A explicação resumida é de que a fórmula sugerida por Tzu é sem fundamento, mas que foi propagada com eficiência o suficiente para se fazer coerente. Se aplicada na vida real, a estratégia de Tzu ao invés de solucionar uma contenda pode causar problemas maiores, daí podemos presumir uma das gêneses da desinformação, um conteúdo inverídico formulado intencionalmente para causar dano. Wardle (2020) adiciona a intenção de obter vantagens financeiras, obter influência política ou social, ou simplesmente provocar prejuízos. Outras duas categorias são utilizadas para explicar o ato de desinformar, a mesinformação que “descreve conteúdo falso, mas a pessoa que compartilha não percebe que é falso ou enganoso” (Wardle, 2020, p.10) e a malinformação “O termo descreve informações genuínas que são compartilhadas com a intenção de causar danos” (Wardle, 2020, p.10).

Ainda no escopo de mesinformação (Wardle, 2020) propõe uma classificação de baixo e alto risco para um conteúdo desinformante como vemos nas tabelas a seguir:

Baixo dano	
Conteúdo enganoso	Uso enganoso de informações para enquadrar um problema ou indivíduo
Conexão Falsa	Quando manchetes, imagens ou legendas não dão suporte ao conteúdo.
Sátira ou paródia	Nenhuma intenção de causar dano, mas com potencial para enganar.

Fonte: Wardle (2020)

Alto Dano	
Conteúdo fabricado	Novo conteúdo 100% falso, criado para enganar e causar danos.
Conteúdo manipulado	Quando informações ou imagens genuínas são manipuladas para enganar
Conteúdo impostor	Quando fontes genuínas são imitadas.
Conteúdo falso	Quando o conteúdo genuíno é compartilhado com informações contextuais falsas.

Fonte: Wardle (2020)

O “novo” fenômeno da desinformação é complexo e se expande por ramificações que (Wardle, 2020) entende como sendo um ecossistema de sofisticadas estratégias para

disfarçar um conteúdo enganoso e se travestir de uma notícia, com formato e consistência bastante semelhantes. Autores e teóricos da comunicação e ciências sociais aplicadas creditam o descontrole das fake news e por consequência da desinformação, ao crescimento do acesso à internet e às redes sociais digitais. Na reflexão de (Barbosa *et al*, 2019), desintermediação comunicativa, delegou para um segundo plano o jornalismo profissional e colocou em cheque a persona desse profissional como detentor da “verdade”, assim como toda a imprensa tradicional ou até mesmo a imprensa contemporânea que é mais sedimentada no digital. Essa desintermediação proporcionou canais de comunicação exclusivos e pessoais, que se desviaram das instituições antes mediadoras e não se submetem à checagem de veracidade dos fatos, nem à ética e nem ao compromisso jornalístico. Abriu-se um espaço gigantesco para a polarização de discursos, espalhamento de ódio, disseminação de inverdades, acirramentos políticos, consumo exacerbado de qualquer coisa e influenciando até no desvio da autoimagem pessoal. O ideal de (Levy, 2010) da internet como um espaço democrático e pluralista não se concretizou.

O questionamento feito por (Barbosa *et al*, 2019) é o de que leva alguém a espalhar mentiras? A resposta seria levar o outro ou outros à ruína, moral, financeira e emocional. E a solução para isso, ainda passa pelas agências de checagem e a regulamentação estatal. “O grande desafio dos checadores hoje é desconstruir os discursos maniqueístas e manipuladores com dados objetivos e aumentar o custo da mentira, valorizando a verdade” (Barbosa *et al*, 2019, p. 67).

Sem uma política de controle que regulamente os mecanismos de verificação de veracidade, países em quase todo o mundo, principalmente os de regime democrático, têm sofrido os efeitos perniciosos que as fakes news causam na política e na sociedade. Mais do que se debruçar sobre sua origem, o foco deve se debruçar em conter o estrago causado por um conteúdo nocivo (Figueira, 2019). No Brasil, desde 2020 tramita no Congresso Nacional o Projeto de Lei 2.630/20, também conhecido como o PL das Fake News, que dispõe sobre a regulação das empresas de comunicação e redes sociais digitais. Porém, o forte lobby das empresas multinacionais de tecnologia de comunicação, as big techs, junto aos parlamentares brasileiros tem freado o avanço das votações do projeto de lei. Enquanto isso, a sociedade civil, organizações não governamentais buscam meios de

conscientizar e promover o letramento informacional da população a fim de que reconheçam um conteúdo falso, que se passa por notícia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Períodos diferentes, tecnologias diferentes, mas o mesmo jornalismo. Acreditamos que há uma grande diferença entre os conceitos de desinformação adotados pelo jornalista e autor Leão Serva, no livro escrito em 2001 e a crise da desinformação que o mundo atravessa na contemporaneidade. Se no raiar do novo milênio o que provocava a desinformação era a manipulação no formato da notícia, reduzindo, omitindo, simplificando, neutralizando ou conforme destacou (Abramo, 2016) colocando a em padrões que não corroboravam com realidade dos fatos, hoje o que prevalece é a intenção de fazer o mal, banalizar e corromper. Imagino que o livro não tinha a pretensão de servir como base teórica sobre a desinformação após a publicação. Porém o fraco arcabouço teórico em que Serva se baseou para construir os conceitos apresentados no livro não dá sustentação para que seu trabalho virasse referência. O texto se tornou uma confusa mistura entre um relato de experiência de trabalho e o pretense intento de se tornar uma referência teórica. Penso que se Serva tivesse concentrado em relatar sua experiência como correspondente de guerra, contando bastidores ou mesmo ter feito um livro reportagem seria muito mais proveitoso.

Em prosseguimento às minhas considerações sobre a crise da desinformação no Brasil até os dias de hoje, os quais aprendi muito durante a feitura deste trabalho. Até 2010, no Brasil, as informações eram essencialmente divulgadas nos meios tradicionais e hegemônicos, como veículos impressos, rádio e televisão. O webjornalismo ganhou corpo e alcançou um público maior a partir da segunda década do século XXI. Foi a partir do advento da web 2.0, com a popularização da internet, o barateamento e o maior acesso da população aos smartphones que a situação se inverteu. Hoje, a internet é o principal meio de informação do brasileiro e as mídias não hegemônicas ganharam projeção no Brasil e na América Latina. Segundo o último mapa da agência A Pública de jornalismo independente no Brasil, em 2016, ano da última atualização, havia 79 iniciativas no País. Porém, nesses casos todas as iniciativas realizavam um trabalho jornalístico profissional, independente do meio de divulgação. Ao contrário de muitos sites que se passam por jornalísticos essas iniciativas combatem a disseminação de fake news e por consequência a desinformação.

O problema é que a proliferação de fake news ganhou corpo e proporções planetárias com as redes sociais digitais. Se antes, a desinformação ocorria por conta de um formato e estrutura, os contornos foram ficando cada vez mais sofisticados e a detecção do problema cada vez mais difícil. O conteúdo desinformante atual tem a clara intenção de causar algum dano. Somado a isso, a ascensão de políticos de extrema direita, o uso indiscriminado do poderio econômico, aliado a projetos de descredibilização do jornalismo profissional colocaram em dificuldade a manutenção democrática de Estados Nacionais. Ou seja, assim como os meios de comunicação evoluíram, as ferramentas criminosas de criação e disseminação de conteúdo falso seguiram o mesmo caminho. Agora governos e sociedade correm atrás de soluções para conter as fakes news e tentar diminuir o estrago já causado por elas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. - 2. ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016.
- ARENDT, Hannah. **Crises da República**. Tradução José Volkman. – 3. ed. – São Paulo: Perspectiva, 2017.
- BARBOSA, Mariana. (org). **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas**, - 1.ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- BUCCI, Eugênio. **A imprensa e o dever da liberdade**. São Paulo: Contexto, 2009.
- BUCCI, Eugênio. **Existe democracia sem verdade factual?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.
- COUTINHO, Eduardo Granja. (org). **Comunicação e contra-hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- D' ANCONA, Mathew. **Pós-verdade**. - 1. ed. - Barueri: Faro Editorial, 2018.
- FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. - 3. ed. - São Paulo: Contexto, 2008.
- FIGUEIRA, João. SANTOS, Sílvio. (org). **Fake news e a nova ordem desinformativa na era da pós-verdade**. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.
- GUARESCHI, Pedrinho. BIZ, Osvaldo. **Mídia e democracia**.- 2.ed.- Porto Alegre: P.G/O.B, 2005.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. – 3.ed. – São Paulo: Editora 34, 2010.
- MATTOS, Sérgio. **Mídia controlada: a história da censura no Brasil e no mundo**. São Paulo: Paulus, 2005.

MENDONÇA, Matheus Thiago. VIANNA, Lucas Oliveira. **O problema das fake news e a crise da democracia liberal na era da pós-verdade.** Vitória, Simbiótica, v.9, n.1, jan.-abr./2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47456/simbitica.v9i1.38301>. Acesso em: 01/02/2024.

MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignácio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder:** Da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

SERVA, Leão. **Jornalismo e desinformação.** – 2. ed. ver. atual. – São Paulo: Editora Senac, 2001.

WARDLE, Claire. **Guia essencial para entender a desordem informacional.** – 2.ed. Brasil, Licença Internacional Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0, 2020.

Redação. O que descobrimos com o Mapa do Jornalismo Independente. **APública.** Disponível em: <https://apublica.org/2016/11/o-que-descobrimos-com-o-mapa-do-jornalismo-independente/>. Acesso em 01/02/2024.

ASSOCIATED PRESS. 'Misinformation' picked as word of the year by Dictionary.com. **The Guardian.** Londres, 26 nov. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/science/2018/nov/26/misinformation-word-of-the-year-dictionarycom>. Acesso em 14 nov. 2023.